

# DAS RECEITAS ÀS PRÁTICAS DE BENZEDURA E CURA: UMA ETNOGRAFIA DO SABERES TRADICIONAIS DE MULHERES ASSENTADAS

Thauana Paiva de Souza Gomes<sup>1 2</sup>

**Resumo:** Este trabalho é parte dos estudos desenvolvidos durante mestrado em comunidade assentada rural do Brasil. Neste trabalho, estudamos a importância do patrimônio imaterial na transformação dos espaços do assentamento em lugares, desenvolvendo um novo modo de vida carregado de memória e cultura tradicional, tendo nas mulheres um papel importantíssimo de guardiãs e transmissoras destes saberes. O objetivo deste estudo foi entender de que forma as mulheres se utilizavam destes conhecimentos no dia-a-dia, nos cuidados com a saúde, nas receitas de quitutes ou na reprodução da vida. Destacamos que todo o inventário aqui registrado deve ser pensado para que os registros, as catalogações no sentido de não transformar a cultura em aspectos ideológicos, empobrecendo as compreensões e as devidas valorizações dos sujeitos. Como resultado da pesquisa foi realizado um inventário de saberes não-oficiais descritos nos principais lugares onde são transferidos: na casa registramos receitas tradicionais e os cuidados com a saúde.

**Palavras-chave:** Patrimônio Imaterial; Saberes; Mulheres; Tradição.

*Abstract: This study, which is part of the master's thesis, was conducted in a settled rural community in the region of Araraquara (SP). In this paper, we investigated the importance of intangible heritage with respect to the transformation of the rural settlement spaces into places, promoting the development of linkages between generations through cultural memory to*

---

<sup>1</sup>Mestre em educação pela UNESP de Araraquara Professora da UNISEB Interativo e pesquisadora do NUPEDOR.

<sup>2</sup>A orientação deste trabalho foi realizada por Dulce Consuelo Andreatta Whitaker.

*learn about new ways of life, where women play crucial roles as guardians and promoters of cultural knowledge. The aim of this study was to understand their abilities to use this knowledge in everyday life, in healthcare, in appetizer recipes or in the reproduction of life. We highlight that all inventory records reported here should be well thought out for the preservation, cataloguing and conservation work, in order to avoid the transformation of ideological aspects of such a culture that can lead to an impoverished understanding and may influence the values of individuals. As a result of the research, an inventory of unofficial knowledge was carried out describing the major places where these knowledge transfers occurred: at the house, we gathered data about traditional recipes and healthcare.*

**Keywords:** *Intangible Heritage; Knowledge; Women; Tradition.*

## **Introdução**

Este trabalho faz parte das pesquisas desenvolvidas durante o mestrado e tem como objetivo trabalhar as dimensões da patrimonialidade no que tange ao seu valor para as ressignificações cotidianas simbólicas e materiais. Neste sentido, buscamos neste artigo apresentar parte do inventário que enfoca o papel das mulheres como guardadoras do patrimônio imaterial, bem como, a importância da oralidade na transferência destes conhecimentos.

Ao propor uma análise da etnografia dos saberes não oficiais, é necessário, antes de tudo, pensar a respeito da cultura popular tradicional. Seguimos uma concepção de que a necessidade de fazer o levantamento etnográfico dos saberes não oficiais faz parte do que o IPHAN tem designado como patrimônio imaterial. Integramos ainda a essa ideia a concepção de que os conhecimentos costumeiros, aqui estudados, não podem ser considerados tradicionais puros, autênticos, mas informações que são marginalizadas pelo conhecimento oficial por serem fortemente ligadas à tradição e que constantemente se ressignificam num todo híbrido de modalidades sociais e étnicas que constantemente se renovam.

Assim, a cultura popular não pode ser entendida apenas como "expressão" da personalidade de um povo, justamente porque tal personalidade não existe como uma entidade, mas como um produto da integração das relações sociais. Nem, tão pouco, como um conjunto de tradições ou essências, preservadas de modo puro.

De tal modo, é possível verificar que a cultura surge a partir das condições materiais de vida e, nas classes populares, as manifestações, as crenças, as festas

estão intimamente ligadas ao cotidiano e ao trabalho diário ao qual se entregam quase todo momento (CANCLINI, 1982).

Atualmente, a UNESCO trabalha com a concepção de que proteger a memória através do físico é um consenso, mas segundo ainda esta instituição, não apenas de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo, mas há muito mais nas tradições, saberes, folclore e cotidiano transmitidos através de gestos ou língua e criados e recriados coletivamente ao longo do tempo. Tal fator pode ser afirmado: "para as minorias étnicas e povos indígenas, este patrimônio é uma fonte de identidade e carrega a sua própria história" (UNESCO, <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>, consultado em 20/12/10).

Vale lembrar que quando trabalhamos com a ideia de registros e inventários, não podemos deixar de mencionar que, segundo Vianna (2004) o bem cultural é dinâmico e cheio de ressignificações e para preservação de referência cultural é necessário que se tenha mais do que um inventário, mas sobretudo os sentidos que vão dentro da cabeça de quem faz, de quem come, de quem vende ou se alimenta deste algo. Com base nesta compreensão podemos apresentar o inventário dos saberes das mulheres do assentamento.

### **O inventário dos saberes populares e o Assentamento Bela Vista**

Em pesquisas realizadas no assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara, as questões extraoficiais e subjetivas sempre estiveram muito presentes nos relatos dos assentados, acrescentando às pesquisas fatores extremamente interessantes.

A forma como as informações e costumes são passados para as crianças, através dos gestos e das falas, o lidar com a criação, com o pomar, com o excedente, sempre é realizado de maneira muito natural no cotidiano. Para o pesquisador, esses saberes brotavam nas conversas e visitas como uma nascente de água pronta para ser bebida e apreciada.

Uma contribuição interessante a esse respeito é a de Freitas (2005) que apresenta, um estudo sobre as imagens do Brasil colonial na obra de Gilberto Freyre. Freitas revela ser possível fazer uma história da educação a partir do inventário de gestos "que são interiorizados e convertidos em rituais de corpo observáveis em muitas gerações, depois nas pequenas minúcias (...) ou nos gestos típicos dos homens" (p.171). Segundo ele, o inventário dos saberes e gestos pode ser considerado utilíssimo para representar costumes que sobrevivem a uma temporalidade, dando pistas para os pesquisadores e novos indícios para

(re) olhar o que não está no saber oficial, burocrático, mas naquele que se encontra nos gestos, expressões e falas. No caso aqui definido, para um saber que vem dos lugares da casa, do lote e da rua. Os saberes gestuais saltam do limite da casa para o espaço da rua e, entre uma prosa e outra, trocam-se informações sobre plantio, mudas, conhecimentos de ervas medicinais, tratamentos ou mesmo histórias tradicionais.

A transferência dos saberes não oficiais a cada movimento modifica-se, mas se mantém enquanto elemento agregado, revelando ao ouvinte sentimentos e expressões mais íntimas de quem emite a mensagem. Em sentido amplo, significa a manutenção de hábitos adquiridos ao longo da história dos assentamentos e as mulheres têm papel central neste processo. Presente na trajetória de pesquisa do Nupedor sob coordenação da Prof<sup>a</sup> Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante.

### **A casa, a cozinha: lugares das receitas tradicionais**

A dimensão da cozinha é um lugar tradicionalmente atribuído à mulher ao longo da história, ressaltar os aspectos importantes dessa história necessariamente passa pela dimensão da alimentação. Esta, por sua vez, está pautada não apenas por aspectos da segurança alimentar e por questões de autoconsumo, mas também, pela dimensão cultural que caracteriza os grupos, por desenhar, através das receitas, os aspectos das territorialidades por onde os assentados passaram, o que torna tais tradições um patrimônio (VIANA, 2004).

Ao estudarmos as receitas, estamos também traduzindo os costumes, rituais e demais comportamentos, além de podermos mapear regionalmente a disponibilidade ou não de determinado alimento. A escolha da dieta de um grupo é determinada não apenas pelas reservas ambientais e econômicas, mas também pelas mentalidades, pelos ritos, pela carga valorativa das mensagens que se trocam quando se consome um alimento em companhia dos outros, pelos valores éticos e religiosos, pela transmissão entre as gerações dos saberes e pela psicologia individual e coletiva que acaba por influir na determinação de todos estes fatores (SANTOS, 1997 apud GIMENES, 2006).

Nas entrevistas realizadas com as pioneiras do assentamento, percebemos que ao falar de receitas tradicionais por elas praticadas, há um grande prazer em ensinar e dizer como as pessoas apreciam suas feituas. Muitas dessas receitas são consideradas como herança de mãe para filha. Em uma conversa com uma assentada, sobre a trajetória dela até chegar ao assentamento, ela informou que ajudava no lote, mas que, às vezes, não podia acompanhar o marido pela manhã porque tinha que cozinhar para a família e quando ela terminava o neto levava o

almoço. Nesse contexto, ela faz propaganda da receita de bolinho de arroz:

Sra.: A próxima vez que vocês vierem aqui vou fazer bolinho de arroz.

Entrevistadora: Hum, que delícia! Como que a senhora faz?

Sra.: Boto a carne moída no fogo, passo nos temperos, joga tudo dentro e quando acaba mexe tudo.

Entrevistadora: Mexe com a mão?

Sra.: Não, com a colher. E aí pra ficar durinho eu coloco a farinha de trigo.

Entrevistadora: Mas e o arroz?

Sra.: Arroz cozido né!

Entrevistadora: Põe tudo junto?

Sra.: É põe, quando acaba eu enrolo e passo na gordura bem quentinha.

Entrevistadora: Na banha?

Sra.: Não, pode ser no óleo mesmo. Dá trabalho, né, mas eu faço e a molecada come até... a hora que tiver durinho aí tá na hora de comer...

Sra.: Coloca na forma, num papelzinho e deixa escorrer aquilo ali, o papel chupa todo aquele óleo, rapaz, mas a turma come, meu neto leva pra roça, na mochila, mas não dá pra fazer todo dia porque dá trabalho né... mas eu faço, a molecada come...

(GOMES, 2010. Entrevista com R.).

No final da exposição da receita, a entrevistada diz o quanto é trabalhoso, mas a recompensa vem com a comilança das crianças. Além disso, é uma forma que ela encontrou de não desperdiçar o arroz, que não seria aproveitado, ou mesmo que as crianças já estariam enjoadas. A criatividade é uma constante no lugar da cozinha, onde os ingredientes sugerem inúmeras possibilidades de combinação.

Em outra receita, apresentada pela mesma entrevistada, ela traz os saberes típicos do nordeste, região onde nasceu. Em sua fala, ao lembrar-se de como aprendeu a trabalhar na roça, podemos perceber o quanto a tradição de outros lugares vividos ainda se faz presente em seu cotidiano:

Entrevistadora: A senhora ajuda no lote?

R.: Ajudo. De vez em quando eu vou mais o velho.

Entrevistadora: desde criança a senhora trabalha com agricultura, ou não?

R.: Trabalho na roça desde os meus sete anos de idade.

Entrevistadora: Então a Senhora aprendeu naturalmente? E quem ensinou a senhora.

R.: Meu pai.

Entrevistadora: Como ele te ensinou?

R.: Ele trabalhava lá numa terra, tinha sítio lá onde ele trabalhava e quando foi um dia ele meu falou: vamos lá minha filha, vamos pra roça junto com o pai, vamos trabalhar. Aí a gente chegava, ele fazia um roçado, queimava, jogava fogo, sobravam aqueles tocos e ele tocava fogo. Queimava aqueles tocos todinhos. Depois arrancava aqueles toquinhos que sobravam e plantava mandioca.

Entrevistadora: E como fazia pra plantar mandioca?

R.: Com a enxada. Com a enxada fazia a cova e colocava a rama, depois cobria com um pouco de terra. Plantava com a mão. Depois plantava feijão de corda, você conhece?

Entrevistadora: Sei, sei. Dizem que é muito gostoso mas eu nunca comi. O pessoal diz que é bom fazer como salada.

R.: Você descasca a vagem e prepara ele. O feijão de corda que é um...???

Entrevistadora: Sei é aquele amarelinho?

R.: É, você cozinha e faz uma farofinha, fica muito bom.

Entrevistadora: A senhora cozinha como se fosse um feijão normal?

R.: É como o feijão normal.

Entrevistadora: Faz com caldo também ou não?

R.: Se você quiser, faz com caldo, tempera e bota farinha e você vai ficar até doente.

Entrevistadora: Até virar o bucho??? Risos.... (GOMES, 2010. Entrevista com R.)

Podemos acompanhar, através das receitas, a transferência da patrimonialidade imaterial entre gerações. A entrevistada, através de duas receitas de bolo, mostra como o aprendizado da mãe foi repassado a ela e como esses saberes estão ligados também ao seu lugar de origem. A primeira é a receita de bolo de biju:

Entrevistadora: Qual é a receita que a senhora aprendeu com a sua mãe que a família inteira gosta, que suas filhas quiseram aprender?

R: Fazer bolo, fazer biju...

Entrevistadora: O que é o biju?

R: É da mandioca né...

Entrevistadora: Ah, da farinha?

R: Pega a mandioca ralada.. lá na Bahia tinha a farinha, espreme, pega aquela massa, peneira, põe no forno, lá tem forno (?) da vontade eu faço na frigideira mesmo. E faz no forno aquele beiju (?) come com feijão, cozinha um frango e joga aquela farinha em cima. Hum, que gostoso! Bolo de mandioca...

Entrevistadora: Mandioca? E como que a senhora faz o bolo de mandioca, com a farinha de mandioca também ou com a mandioca?

R: Com a mandioca. Rala a mandioca, espreme, bota ela pra enxugar um bocadinho. Quando tá mais ou menos...

Entrevistadora: Úmido...

R: A gente seca ela numa peneira, bate três ovos, joga dentro daquela massa, mexe com um pouco de farinha de trigo, joga uma xícara de farinha de trigo dentro, bota 3 ovos, manteiga e bate, depois assa.

Na segunda receita, a entrevistada mostra como a memória tem um papel fundamental na permanência da patrimonialidade imaterial e da cultura, ela não usa cadernos ou livros de receitas, pois sabe tudo de cabeça. O ato de fazer é um elemento essencial e estimulante para a memória, sua mãe a ensinou a "bater na colher" o bolo, e é assim que ela faz até hoje.

Entrevistadora: A senhora tem alguma receita boa, que a senhora aprendeu com a sua mãe de doce, de bolo, que a senhora sempre faz?

R: Bolo eu tenho na cabeça.

Entrevistadora: Na cabeça?

R.: É. Minha mãe ensinava nós fazer batido na colher e assim eu faço até hoje.

Entrevistadora: O segredo é bater na colher?

R.: É bater o ovo bem batidinho o ovo, bate, bate, bate, quando a clara tá durinha, que faz assim e não cai, aí coloca a gema e bate, bate. Aí põe na vasilha de fazer o bolo, joga leite dentro, açúcar e a farinha de trigo e mexe tudo junto.

Entrevistadora: Mas e a quantidade?

R.: Do ovo?

Entrevistadora: Do ovo, da farinha...

R.: Se põe 3 canecas ...

Entrevistadora: Mas como a senhora sabe o ponto?

R.: Vendo... põe um pacote de trigo eu faço pra dois bolos, que é muita

gente. A gente mexe, mexe ele, coloca leite, manteiga, 3 ovos, bate bem batidinho, passa a manteiga na forma ou um pouquinho de óleo, bate, põe pó Royal, duas colherinhas de pó Royal pra ficar bem soltinho. Aí põe no forno. Quando tá querendo amarelar, põe meia xícara de açúcar, meio copo de leite e deixa ele ferver...

Entrevistadora: Coloca o que a senhora falou, meia xícara de que?

R.: Meio copo de leite com meia xícara de açúcar e mexe. Quando ele começar a fazer você tira, pega um outro leite bem docinho, um leite moça e mistura e derrama, passa na forma assim pra amolecer o bolo e o bolo fica soltinho. Aí você come, passa aquele recheio de doce e come ele. Põe ele debaixo do fogão e deixa amornar. Quando ele esfriar, se quiser jogar alguma coisa, quando eu não quero fazer assim de bater que dá mais trabalho, eu coloco os ovos dentro da tigela, três ovos, boto duas colheres de manteiga, uma de açúcar, a farinha de trigo e bato bem batidinho. Quando tá bem batidinho, eu peço meia massa daquela que compra de pacotinho...

Entrevistadora: Massa pronta de bolo? Vai também?

R.: Vai meio pacote daquela massa no bolo e boto tudo junto. Aí eu mexo e boto uma colher de água e ponho na forma.

Entrevistadora: E fica uma delícia! (GOMES, 2010. Entrevista com R.).

Podemos perceber que os processos de modernização e facilidades do cotidiano, não deixam de sofrer adaptações, através de jeitinho próprio de se fazer a receita do bolo. O bolo de saquinho é incorporado à receita como mais um item a ser parte da composição do bolo. Uma forma clara dos processos de ressignificação da cultura. Em outro momento, podemos perceber que o interesse das suas filhas em aprender esse saber é tão presente que, no casamento de um dos filhos, uma das irmãs quis fazer o bolo, mas como era muita gente ela disse que levaria mais um bolo para garantir; e que este não precisaria ficar de enfeite na mesa, poderia ser apenas a sobremesa.

Entrevistadora: E suas filhas, suas netas, aprenderam a fazer esse tipo de bolo?

R.: Minha filha, claro!

Entrevistadora: Ah, não acredito...

R.: Ela queria fazer o bolo de casamento.

Entrevistadora: Mas com a senhora? Como que é? É pão-de-ló que fala?

R.: Não, é bolinho. Agora, eu faço bolo grande de forma assim, mas é muito

difícil fazer bolo de casamento. Ela faz um bolo de aniversário muito bom, com aquele recheio... Nossa, mas fica... Meu filho casou aí eu disse: deixa que o bolo eu levo.

Entrevistadora: A senhora que quis fazer o bolo?

R.: É, eu fiz o bolo do casamento dele, minha filha disse: é muita gente...

Entrevistadora: Você fez um e sua filha fez outro...

Raimunda: Ela acabou comprando o outro. Mas comeram o meu.

Entrevistadora: Deixaram o dela e comeram o seu?

R.: Era tão bonito enfeitado o que ela comprou e o meu eu fiz com fruta, depois põe fruta dentro..

Entrevistadora: Sua filha ficou chateada então, que comeram o seu e não comeram o dela...

R.: É porque pus abacaxi, banana...

Entrevistadora: Dentro já, pra assar...

R.: Pra assar. Abacaxi, banana, maçã, pêra, laranja...

Entrevistadora: Deve ter ficado que nem um panetone...

R.: Laranja, todas as frutas... uva... e joguei com coco em cima. É que eu faço pão, faço tudo. (GOMES, 2010. Entrevista com R.).

Mas não são apenas as mulheres que sabem as receitas tradicionais, um assentado originário da região nordeste apresenta uma receita típica, que trouxe quando veio para o assentamento:

F.: Era coqueiro do gabirola, o gabirola, é mais gostoso. Eu tirava um desse tamanho, e era gostoso, que nem abobrinha de comércio. Eu pegava ele, cozinhava ele, ferventava ele, ferventava bem ferventado e picava uns pedaços assim, grosso e grande. Ferventava bem ferventado. Quando ele estava bem mole, eu tirava, escorria a água, tinha lá uma boa quantidade de carne seca, cozinhava, aí eu temperava. Eu tirava o sal da carne seca, eu "ponhava" a carne seca pra ferver bem fervida e jogava o sal dentro e o sal tira o sal da outra.

Entrevistadora: Ah, não acredito!

F.: Quanto mais sal, tira o sal. Aí eu picava ela bem picadinha, cozinhava ela bem cozinhado, temperava com sal, com óleo, pimenta do reino, cebola... aí quando ela estava bem mole, aí eu deixava com pouquinho caldo e jogava o palmito dentro, temperadinho os dois e tampava e deixava tomar o tempero (GOMES, 2010. Entrevista com F.).

A importância desse patrimônio imaterial alimentício nos remete ao circuito do autoconsumo. A ideia de que as mulheres assentadas cuidam de atividades secundárias, como a reprodução da família e participam das atividades agrícolas pequenas, geralmente associadas ao abastecimento alimentar, é uma falsa ideia, é uma situação que reproduz uma ideologia historicamente produzida dos papéis secundários pertencentes às mulheres, assim como o dos saberes informais que, de certa forma, permanecem alijados dos centros oficiais e das decisões. O que resulta na desconstrução humana e cultural (WHITAKER, 2002).

Cabe então dizer que a atribuição histórica de papéis, funções, exigências e expectativas são construções sociais, não biológicas e, por isso, podem variar no tempo e no espaço. É preciso destacar ainda que os lugares de atuação das mulheres, como o quintal e a cozinha devem ser entendidos como espaços de reprodução social, que têm por base a conservação das práticas sociais tradicionais. Com o processo de modernização e conquistas das mulheres, os conhecimentos tradicionais por elas guardados e alimentados, são, muitas vezes, desconsiderados nas formas técnicas de produção do lote, ainda que continuem a fazer parte do seu ethos e marquem presença na teia do patrimônio imaterial. A devida valorização das informações técnicas de cultivos, por exemplo, orgânico ou agroecológico são, na maior parte, praticados e fomentados por elas, e, muitas vezes, desconsiderados nos processos teóricos e científicos. Por preconceitos que empobrecem a compreensão do vivido.

### **Do lugar das ervas e plantas às curas das benzedadeiras: chás, rezas e simpatias**

Durante muitos anos, a medicina foi restrita às áreas urbanas, e nas regiões rurais não havia qualquer forma de auxílio aos doentes. A única forma de tratamento conhecido até então vinha das benzedadeiras ou das misturas de ervas e plantas utilizadas pela medicina popular tradicional<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup>Existem várias formas de medicina popular: a *fitoterapia*, a medicina mágica, a *medicina mística* ou *religiosa*, a medicina escatológica ou *excretoterapia*. A fitoterapia é a que utiliza as plantas medicinais, através de chás, lambedouros, garrafadas, unguentos, purgantes, emplastros, remédios populares que são chamados de *meizinhas* na região Nordeste do Brasil. A *medicina mágica* procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobrenatural no doente ou extirpar o mal que o faz sofrer(...)aAs técnicas empregadas na medicina mágica são as *benzeduras*, conjunto de rezas, gestos ou palavras ditas por pessoas especializadas como o *curador*, *rezador* ou *benzedor*; as *simpatias*, uma forma de benzedura,



Para Guimarães (2005), graças à carência de médicos nas áreas rurais onde se dispersava a maioria da população brasileira, a medicina popular dos manuais era justamente a única forma que senhores, senhoras, escravos, curandeiros e benzedoras tinham para curar seus doentes.

Dessa maneira, durante muitos séculos, a forma como a academia contribuía com esses grupos responsáveis pela saúde de grande parte da população era elaborando manuais de medicina tradicional, com tratamentos de doenças a partir dos saberes de ervas, plantas e chás medicinais, "era um saber enciclopédico, fruto do interesse em explorar o que se mostrava útil para o homem comum, dentro de uma diversidade de possibilidades que abrangiam formas ambivalentes de descrever a natureza" (DIAS, 2002, apud GUIMARÃES, 2005, p.503).

Foi a forma de divulgação de uma ciência com base em concepções astrológicas, diretamente ligadas ao conceito de influências de simpatias e antipatias da natureza antropomórfica, de efeito à distância.

Esses saberes ligados à saúde tinham na personificação das benzedoras e curandeiros, mães e avós, os guardiões dessas técnicas, que ainda hoje são possíveis de serem encontrados, devido ainda à falta da presença médica em algumas áreas rurais.

Histórias e memórias envolvendo ervas, simpatias e plantas medicinais, permanecem nos lugares das cozinhas e das casas dos responsáveis por esses

---

mas que podem ser executadas por qualquer pessoa; os *patuás*, *amuletos*, *santinhos* e *talismãs*, elementos materiais capazes de prevenir e evitar doenças e perigos, entre outros. A *medicina mística* ou *religiosa* usa a religião como força mágica da cura. Faz-se uma adivinhação simbólica para saber qual é a divindade ofendida, pela quebra de um tabu ou desobediência de uma determinação divina e, através de ritos, busca-se homenageá-la, como por exemplo, é feito no *candomblé*. Na devoção popular alguns santos da religião católica romana são invocados como especialistas em um ramo da medicina. Algumas orações visam a proteção das pessoas, outras, a cura das doenças: São Sebastião cura feridas; São Roque cura e evita pestes; São Lourenço dor de dentes; São Brás protege das enfermidades da garganta e salva de engasgos; rezas para São Bento protegem contra mordidas de cobras, insetos venenosos e cães hidrófobos; Santa Luzia as doenças dos olhos; Santa Ágata os pulmões e vias respiratórias; São Lázaro a lepra e as feridas sérias; São Miguel os tumores malignos e benignos; Nossa Senhora do Bom Parto, a gestação e o parto. A chamada *medicina escatológica* ou *excretoterapia* utiliza como método terapêutico substâncias ou ações repugnantes ou anti-higiênicas, como fezes, urina, saliva, cera de ouvido. Estas práticas muito antigas, já eram utilizadas pelos egípcios. (GASPAR, 2009, <http://www.fundaj.gov.br>). Acesso em: 16/10/11).

saberes de cura, que, de certa forma, se abrem aos membros do assentamento como se fosse uma obrigação de doação por conta do dom recebido.

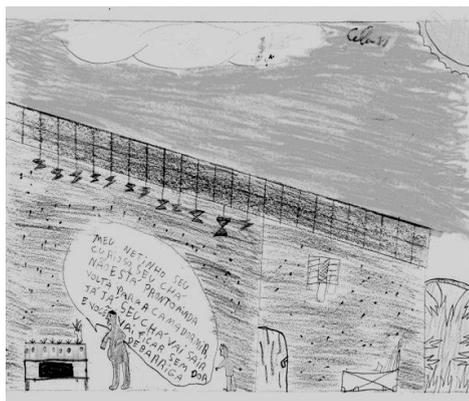
### **Mulheres e ervas: um encontro de muitas afinidades**

Como exemplo desses conhecimentos, o trabalho realizado na escola Hermílio Pagotto no assentamento do Bela Vista do Chibarro nos mostrou como há uma forte presença das ervas e plantas medicinais, repassados especialmente pelas mulheres para as crianças. Esse saber começa a ser repassado, como apresentado nas discussões teóricas, pelo lugar da casa, sendo a família a responsável pela sociabilidade primária (DURKHEIM, 1973), tendo as mães e avós o papel fundamental nessa transferência.

Nesse levantamento dos saberes realizado na escola, verificamos a influência da figura da mulher no papel desempenhado na cura dos filhos. Para Barbero, eram as mulheres que transmitiam "uma moral de provérbios e partilhavam receitas medicinais que reuniam um saber sobre as plantas e os ciclos dos astros" (2006, p.173) e, justamente por representarem uma ordem tão organizada e influente, foram perseguidas como bruxas ou feiticeiras. Isso refletiu-se diretamente na forma como esses saberes são tratados atualmente. Apesar de serem parte do patrimônio imaterial e de muitas utilizações serem registradas na medicina, no discurso dos assentados aparecem como algo não valorizado. Isso pôde ser verificado no registro de campo, a entrevistada primeiro nega o uso, e depois afirma a utilização:

Fui conversar hoje com a Dona M., e pelo que eu percebi, ela diz não ter tantos hábitos tradicionais, ou pelo menos diz que não tem o hábito de fazer chás, ou usar chá como remédio. Mas eu compreendi que se tratava de um discurso religioso em relação à fé. Quando se trata de fé, ela é uma pessoa muito mais voltada para as questões místicas; como falou no depoimento: "foi curada por uma reza, um pedido a Deus e pelo chá que tomei". Ela acrescentou que costuma tomar esse chá pra tudo (GOMES, 2010. Entrevista Caderno de campo 10/11/2010).

A centralidade da mulher foi representada de forma muito explícita nos desenhos das crianças:



**Desenho 1** – Mulher cuidando do pomar; **Desenho 2** – Avó fazendo chá

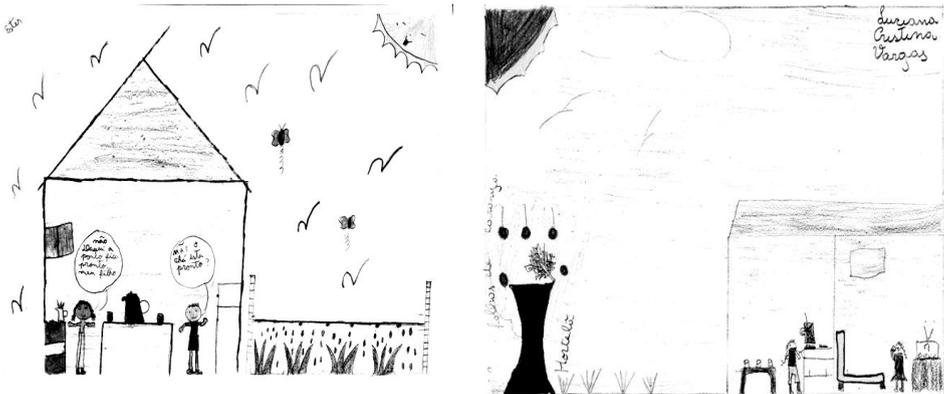
**Fonte:** Pesquisa realizada com crianças do 4.º ano da escola Hermílio Pagotto – Bela Vista do Chibarro.

Nos desenhos 1 e 3, podemos observar o papel da mulher como guardiã dos saberes de cura, ela ocupa uma centralidade entre o pomar das ervas e a casa. Nos desenhos 2,4,5,6 a mulher na figura da mãe e avó, aparece em uma representação de responsabilidade pela cura das dores e doenças de sua família, em especial pelos filhos. Já que eles se enxergam no próprio desenho realizado.



**Desenho 3** – Mulher e o lote; **Desenho 4** – Mãe e cuidados com o filho

**Fonte:** Gomes. T. Pesquisa realizada com crianças do 4.º ano da escola Hermílio Pagotto.



**Desenho 5** – Cuidados com o filho; **Desenho 6** – Cuidados com a filha  
**Fonte:** Gomes T. Pesquisa realizada com crianças do 4.º ano da escola Hermílio Pagotto.

Outro ponto importantíssimo a ser analisado são os lugares que se destacam nos desenhos. Há uma carga simbólica de valor muito elevado atribuída à cozinha e ao quintal, justamente onde ocorre a ação desses saberes, que, em certos momentos, envolvem a técnica do plantio ou reconhecimento da erva no lugar ao redor da casa, e em outros, que envolvem os segredos da feitura dos chás. Dois espaços predominantemente ligados à mulher e à ação de domínio da mesma. Espaços estes onde ocorrem invisibilidades dadas pela interiorização da diferença pela mulher rural (FERRANTE, 2010). Elas têm dificuldades em distinguir seus trabalhos agropecuários, na horta e no quintal, do seu cotidiano como dona de casa. Assim, elas mesmas passam a subestimar suas jornadas de trabalho em atividades agropecuárias.

Dessa forma, as atividades que elas praticam são consideradas secundárias, na medida em que são do tipo mão-de-obra de reserva para atividades que demandam mais trabalho na roça, como as colheitas e os plantios. Devido às atividades domésticas não gerarem renda direta, o trabalho da mulher torna-se invisível (BRUMER, 2005).

### **A hora e a vez das ervas nos assentamentos rurais**

A pesquisa realizada com as crianças da escola, além dos desenhos, contou com aplicação de um questionário com as famílias, que continham questões que avaliam a utilização, os tipos e as finalidades das ervas. Obtivemos os seguintes dados quanto à:

## 1 – Utilização de ervas no assentamento

Opção de resposta	Sim	Não
Quantidade	12	0
<b>Total</b>	<b>12</b>	

**Fonte:** Elaborado pela autora com dados de campo.

Em todos os questionários respondidos a afirmação quanto aos usos de ervas medicinais foi generalizada. Dentre as que mais apareceram nas casas das crianças foram hortelã, erva cidreira, erva doce, folha de laranjeira e capim limão. Mas também são utilizadas arruda, boldo, bálsamo, arnica, poejo e maracujá.

## 2 – Ervas utilizadas

Tipos	Cidreira	Hortelã	Arruda	Boldo	Erva doce	Folha de laranjeira Cavalo/ limão	Outros: Bálsamo babosa, arnica, maracujá jabuti, poejo.
Total	7	8	2	3	6	5	7

**Fonte:** Elaborado pela autora com dados de campo.

As principais finalidades de usos foram chás, sucos e simpatias, conforme registrado na tabela abaixo:

## 3 – Finalidade do uso das ervas

Chás	Sucos	Simpatias	Outros
10	13	8	6

**Fonte:** Elaborado pela autora com dados de campo

Algumas representações das receitas de chás com as ervas foram registradas pelas crianças e em entrevistas com os pioneiros. Para curar a gripe:

### Poejo com hortelã

#### *Ingredientes:*

1 punhado de poejo

1 xícara de hortelã

Água

Açúcar a gosto

#### *Modo de preparo:*

Colocar a água para ferver, depois colocar as ervas na água quente.

#### *Finalidades:*

Para cortar a tosse.

(Receita levantada pelas crianças da Escola Hermínio Pagotto)

A primeira receita é resultado de um livro de ervas medicinais produzido com o material das entrevistas realizadas pelas crianças com as avós, tias, irmãs e mães. O segundo dado de campo mostra, a partir de uma ótica tipicamente tradicional, o uso das ervas. Nessas entrevistas podemos perceber que os conhecimentos das ervas se cruzam ora com as etapas de crescimento das plantas, ora com a finalidade de uso das mesmas:

Entrevistadora: Nunca fez... tem a religião também, né... não acredita. E tem algum chá que a senhora toma, costuma tomar, alguma erva que a senhora use como remédio?

Dona R.: Quando eu tô com gripe eu tomo chá...

Entrevistadora: Chá do que?

Dona R.:Do xarope também né, mas esse xarope de hoje fica mais tossindo... tomo chá de "favacão"..

Entrevistadora: "Favacão"? Não conheço, o que é o "favacão"?

Dona R.: É uma folha do mato que tem aí, é igual a "favaquinha"... Conhece "favaquinha"?

Entrevistadora: Não conheço...

Dona R.: É aquela que dá no fundo do quintal, miudinha, cheirosinha... tem a folha miudinha...

Entrevistadora: É a folha?

Dona R.: É folha... É um pezinho. "favaquinha" da um pezinho assim, pequenininho e "favacão" dá um pezão, grandão...

Entrevistadora: São da mesma família as duas?

Dona R.: É da mesma família, só que a favaquinha é original, é boa mesmo. Favacão é bom, mas favacão pra achar, nossa... (?) a gripe que tiver dor de cabeça, a garganta doendo, aí cozinha um canecão de favacão...

Entrevistadora: E pra que serve o favacão?

Raimunda: Pra tudo. Pra pneumonia...

Entrevistadora: Serve pra tudo?

Dona R.: Pra tudo... dor de cabeça, dor de garganta... se tá com a garganta inflamada, cozinha o favacão, ferramicina, que é uma folha vermelha. Ferramicina, favacão e alecrim, amassa tudo junto...

Entrevistadora: Põe tudo junto, num único chá?

Dona R.: E folha da costa...

Entrevistadora: Folha da costa? Como que é? Chama folha da costa ou folha santa?

Dona R.: Um chama folha da costa, tem todos os nomes né...

Entrevistadora: Como que ela é?

Dona R.: Ela é um pezinho, a folha dela é um pezinho e aqui quando ela cresce, ela vai crescendo, ela abre a folha dela em três palmos numa folha só.

Entrevistadora: Três palmos?

Dona R.: É numa folha só...

Entrevistadora: Ah, assim...

Dona R.: Ela abre assim, tem uma mãozinha. (?) bota tudo junto. É boa...

Entrevistadora: serve pra tudo então... dor de cabeça...

Dona R.: Dor de cabeça, dor de garganta, infecção do estômago, da garganta. Você tomou o chá de favacão e ferramicina, já começa a tossir e a sair aquele catarro, aquele catarro que fica agarrado no peito...

Entrevistadora: Tira na hora?

Dona R.: No outro dia começa a ficar madurinho... tem aquele problema na cabeça, sinusite, fazia o favacão, só ele só, aí toma banho, o banho da tarde e não toma mais banho, lava a cabeça...

Entrevistadora: Mas aí faz o chá ou só mói ele?

Dona R.: Só cozinha ele, mas não bota açúcar não, joga na cabeça e tira tudo as dor da cabeça. Quando eu tenho dor de cabeça eu faço um chá dela e tomo. Tomo com pão, é gostoso... (GOMES, 2010. Entrevista realizada com R. em 02/12/2010).

Nesta entrevista percebemos que a palavra favacão ou favaquinha aparecem constantemente para designar uma erva com poderes de cura da dor de cabeça,

ao mesmo tempo em que curam, remetem a um saboroso chá a ser apreciado com um pedaço de pão. Mas a palavra favaca ou favaquinha tradicionalmente é uma releitura da palavra alfavaca que em árabe significa manjerição de folha larga. Uma demonstração pura de como a palavra falada também é recriada pelos assentados.

Em outras entrevistas, o uso de ervas foi também citado como elemento para cura da gripe, tosse e dores na garganta. As duas primeiras receitas foram levantadas pelas crianças com as mães, e a última com uma pioneira, verdadeira guardiã dos segredos de curas dessas ervas:

#### Folha de limão

##### *Ingredientes:*

1 Folha de limão

1 colher de mel

##### *Modo de preparo:*

Juntar a folha amassada com mel.

##### *Finalidades:*

Parar a tosse e dor de barriga.

(Receitas levantadas com as crianças da Escola Hermínio Pagotto)

#### Poejo com hortelã

##### *Ingredientes:*

1 punhado de poejo

1 xícara de hortelã

Água

Açúcar a gosto

##### *Modo de preparo:*

Colocar a água para ferver, depois colocar as ervas na água quente.

##### *Finalidades:*

Para cortar a tosse.

(Receitas levantadas com as crianças da Escola Hermínio Pagotto)

Uma erva que aparece como importante para a cura da gripe é o alecrim, que pode servir também para quem tem pressão alta:

Entrevistadora: Alecrim eu conheço. Alecrim pra que que serve também?

R.:Pra gripe. Alivia pressão também, é calmante. Pega o alecrim e o hortelã

miúdo e pode bater tudo no liquidificador e bota um pouquinho de açúcar pra bater junto, coar e tomar e toma pra baixar pressão (GOMES, 2010. Entrevista realizada com R. em 02/12/2010).

As receitas para curar gastrite também apareceram nas duas formas de coleta de campo. No livro de receitas, desenvolvido com os dados levantados pelas crianças, a erva responsável pela cura ou alívio da gastrite é o boldo. Na receita abaixo podemos verificar a aplicabilidade da mesma:

### Boldo

#### *Ingredientes:*

Folhas de boldo

Água

#### *Modo de preparo:*

Colocar a água com folhas de boldo no liquidificador, bater bastante depois colar.

#### *Finalidades:*

Gastrite, má digestão, para doença de chagas.

(Receita levantada pelas crianças da Escola Hermínio Pagotto)

## **A sabedoria dos pioneiros**

A outra receita coletada foi em entrevista com uma mulher assentada idosa, na qual ela aponta que os problemas de gastrite, de dor no estômago, de "vontade de comer alguma coisa" ou até os vermes, são solucionados com uma de mistura de hortelã graúdo, miúdo e matruz:

Raimunda: Hortelã miúdo...

Dona R.: Aquele lá é o que vende no mercado né.

Dona R.: Você não conhecia não né...

Entrevistadora: Aqui eu nunca tinha visto. Como chama esse hortelã?

Dona R.: Hortelã graúdo.

Entrevistadora: Hortelã graúdo?

Dona R.: é. Hortelã graúdo, hortelã miúdo e mastruz.

(...)

Dona R.: Eu tomo quando tô com dor de estomago, em casa eu pego o hortelã e o mastruz, daí lava e cozinha e bebe o chá. Estômago faz bum, começa a fazer um rolo nas lombrigas...

Entrevistadora: Entendi. Então pra quem tiver com..

Dona R.: Quem tiver com dor de estômago, uma coisa que às vezes tá com vontade de comer e com lombriga, cozinha e faz o chá (GOMES, 2010. Entrevista realizada com R. em 02/12/2010).

O mastruz ainda aparece em outra conversa como ingrediente importante para dores na barriga e ajuda para combater vermes. Esta mistura, segundo a assentada é tão eficaz que se existir algum tipo de "lombrigas" na barriga o chá as elimina na hora:

Entrevistadora: Mastruz?

R: É mastruz, mas aqui chama de erva de santa Maria né.

Entrevistadora: Ah, espera aí... qual é a diferença?

R: É a mesma coisa que esse daqui. É porque esse aqui tá com semente, a semente você tira assim, ó...

Entrevistadora: Você conhece pelo cheiro?

R: É pelo cheiro. Erva de santa-maria, hortelã graúdo e hortelã miúdo, pra você fazer chá. E alho, pra dar pra cachorro.

Entrevistadora: Mais um dentinho de alho?

R: É pro bebê que está com lombriga. E também criança.

Entrevistadora: e a gente não pode tomar?

R: Pode...

Entrevistadora: Pode também...tudo junto?

R: Tudo junto, pra beber. Fica um cheirinho que criança não gosta muito não, mas a gente dá na raça. O hortelã miúdo, tudo junto, hortelã graúdo. A criança tem sobe com a cabeça pra cima, toma o remédio, desce tudo pra baixo. Mas até matar lombriga ...vai cagando ela, pondo ela pra fora. Esse aqui é um remédio muito bom! (GOMES, 2010. Entrevista realizada com R. em 09/12/2010).

O chá de camomila<sup>4</sup> também é usado, segundo as mães das crianças do 4.º ano da escola Hermínio Pagotto, como uma erva que ajuda nas dores de barriga provocadas por gases:

---

<sup>4</sup>A propriedade medicinal dessa planta é antialérgica, adstringente, digestiva, auxilia na acidez do estômago, cólicas, problemas menstruais, gases, dentre outras.

### Camomila

#### *Ingredientes:*

1 copo de água de água quente

2 colheres de açúcar

Camomila à gosto

#### *Modo de preparo:*

Colocar a água para ferver, depois colocar a erva cidreira na água quente.

#### *Segredo:*

Nunca colocar as ervas em água fervente, mas jogar a água quente sob as ervas, tampar o recipiente com um pires para conservar as vitaminas e propriedades das plantas.

#### *Finalidades:*

Bom para gases

(Receita levantada pelas crianças da Escola Hermínio Pagotto).

Outras receitas que coletamos também muito eficazes na memória dos entrevistados foram as ervas para cura das dores de cabeça, dentre elas, algumas prometem "acalmar os nervos". Como a descrita abaixo

### Maracujá

#### *Ingredientes:*

1 copo de água

1 maracujá com casca

#### *Modo de preparo:*

Colocar a água para ferver junto com a polpa do maracujá e casca.

#### *Finalidades:*

Dor de cabeça

(Receita levantada pelas crianças da Escola Hermínio Pagotto)

### Erva-Cidreira

#### *Ingredientes:*

1 colher de açúcar

1 xícara de cidreira

#### *Modo de preparo:*

Colocar a água para ferver, depois colocar a erva-cidreira na

água quente.

*Segredo:*

Nunca colocar as ervas em água fervente, mas jogar a água quente sob as ervas, tampar o recipiente com um pires para conservar as vitaminas e propriedades das plantas.

*Finalidades:*

Dor de cabeça e para acalmar os nervos

(Receita levantada pelas crianças da Escola Hermínio Pagotto).

Tanto a erva-cidreira como o maracujá são certificados cientificamente como plantas calmantes. A primeira tem ainda outras propriedades terapêuticas, como a de ser "rejuvenescedora, revitalizante, antidepressivo, antialérgico, carminativo, hipotensor, nervino, sudorífero, tônico geral, antiespasmódico, bálsamo cardíaco, antidisentérico, antivômitos" (fonte: [www.ciagri.usp.br](http://www.ciagri.usp.br). Acessado em 21/10/2011). Já o maracujá, além da função calmante, auxilia no combate ao estresse e ajuda a reduzir o colesterol e o diabetes. Podemos verificar que o combate aos males do dia a dia são realizados com tratamentos simples, porém cuidadosamente elaborados.

No que tange ao tratamento dos males da pele, foi possível registrar duas formas de cuidados, a primeira é para furúnculos<sup>5</sup>. O tratamento é realizado com compressas de erva saião, mais conhecida como folha-da-fortuna ou ainda "coirama e folha-da-costa e é usado popularmente para o tratamento de úlceras e como cicatrizante (...) pode ainda ser um tratamento sem dor e mais barato, também para a leishmaniose" (fonte: <[http://www.abaxoadesperdicio.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=191&Itemid=38](http://www.abaxoadesperdicio.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=191&Itemid=38)>. Acessado em 21/10/2011). Na receita apresentada pelos alunos da escola a utilização é a mais indicada nas receitas dos livros e sites fitoterápicos:

Furúnculo

*Como fazer:*

Pegar folhas de saião deixar em cima do furúnculo

*Finalidade:*

---

<sup>5</sup>"Um furúnculo é uma doença de pele causada pela inflamação dos folículos pilosos, resultando numa acumulação localizada de pus e tecido morto" (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fur%C3%BAnculo>. Acessado em 21/10/2011).

## Curar furúnculo

(Receita levantada pelas crianças da Escola Hermínio Pagotto).

Em entrevista com um homem também pioneiro e nortista do assentamento, ele expôs a utilização da maniçoba no tratamento de "grosseirão" na pele. No entanto, vale lembrar que a palavra maniçoba é nacionalmente conhecida como uma comida típica. É uma feijoada paraense de origem indígena, com a utilização de uma espécie de folha da mandioca denominada maniva. Justamente por ser utilizada uma espécie muito tóxica de mandioca, a preparação desse prato demora vários dias. Para ele, o nome dado à folha da mandioca utilizada para doenças de pele é a palavra maniçoba, o que provavelmente se popularizou nas zonas rurais, e por isso a denominação maniva (folha da mandioca) não é tão conhecida.

A utilização medicinal das folhas é justamente a apresentada pelo assentado, ou seja, é excelente para prevenção de grande quantidade de doenças, como as respiratórias, a cegueira noturna, a vista fraca, mas em especial no tratamento de manchas da velhice, acne e outros problemas de pele, promovendo um belo bronzeado com pouca exposição ao sol, fortalecendo a pele. No uso popular:

Entrevistadora: ...pega ele e amassa...

F.: Pega ele, faz a bucha e começa a esfregar em cima.

Entrevistadora: Na hora em que tá tomando banho ou não?

F.: Não, pode ser agora mesmo quando tá aqui, pode fazer esse serviço.

Entrevistadora: E como chama isso aqui?

F.: Maniçoba (GOMES, 2010. Entrevista realizada com F. em 3/12/2010).

Há ainda uma erva amplamente usada nas casas do assentamento e certamente pelas avós ou mulheres que tiveram contato com a vida rural, é a erva de santamaria. Esta erva comprovadamente possuidora de fins medicinais, pode ser usada no tratamento de pancadas, roxidões e até mesmo no tratamento de feridas.

Segundo a ciência seu nome é *Chenopodium Ambrosuoides*, sua indicação de uso tem as seguintes finalidades: vermífugo, laxativo, gases, úlcera, câimbras, angina, circulação, contusão, hemorragia interna e hemorroidas. Isso demonstra que os usos praticados pelos assentados estão associados a práticas muito mais antigas, incorporadas ao seu cotidiano e à utilização das plantas. Nas palavras da entrevistada:

R: Se tiver muito dor dá né. Isso aqui é bom pra tudo. Você machucou o dedo, você pega isso aqui, maceta, põe em cima...

Entrevistadora: Ah, agora eu tô lembrando... essa é a erva de santa-maria? Minha mãe põe no álcool junto com...

R: Arnica...

Entrevistadora: Arnica! Isso! E aí passa na pancada.

R: Pra pancada, isso.

Entrevistadora: Tô lembrando desse cheiro, porque minha mãe faz. Limão, com erva de santa maria e o... limão não.. erva de santa-maria com arnica e e álcool. Daí deixa curtindo e depois passa na pancada.

R: Fica bom, é isso aí. Pra pancada, machucado, qualquer machucado. É um remédio bom. É bom pra tudo, pra estômago toma ferramicina.

Entrevistadora: Ferramicina? O que ..que é?

R: É uma folha roxa. Esse aqui eu tomo quando eu tô mais assim, com dor de lado, eu cozinho ele, mas sozinho e bebo. Isso aqui tira tudo o sangue que tem dentro. Se leva uma pancada por dentro, ele tira o sangue, tira o pus. Se machuca o dedo, tem que macetar e amarrar em cima e deixar. Só maceta, põe em cima.

Entrevistadora: Ah, macetar e colocar em cima.

R: Com álcool, enfaixa no lugar certinho.

(GOMES, 2010. Entrevista realizada com R. em 09/12/2010).

Todas as ervas aqui apresentadas, de uso corrente pelos assentados, mostram que possuem, não apenas uma lógica referendada pela tradição, têm uso, racionalidade, já que essas mesmas ervas são também aplicadas no tratamento de doenças pela medicina científica. Situação a demonstrar a importância desses saberes nas práticas diárias e na ressignificação pelos grupos mais jovens.

Esses saberes são fonte de riqueza, pois protegem e guardam um conhecimento originário dos índios e população tradicionais do interior do país, e permitem acesso a tratamento de doenças e males do corpo que ainda, em muitos casos, não é oferecido a algumas áreas do país, em especial às esquecidas pela sociedade urbanocêntrica em que vivemos, tal como assinalado por Whitaker (2002).

Essa visão associa-se às ideologias criadas pela sociedade na qual estamos inseridos, que justificam as hierarquias entre as culturas pela diferença social, étnica ou econômica. De tal modo que as tradições culturais, os saberes tradicionais e as comunidades não urbanas são alijadas, não tanto pelas

possibilidades de consumo<sup>6</sup>, mas por suas características populares e tradicionais. Esses saberes são tratados pela imprensa oficial e pela mídia como não científicos e atrasados, por usarem símbolos, gestos, expressões que fazem sentido para quem está envolvido no processo. Essas desqualificações os tornam desinteressantes, na medida em que as novas gerações vão crescendo e acompanhando outros valores. Em registro de campo, uma conversa, com uma das mulheres, conhecida como guardiã do saber das ervas e benzimentos é bem reveladora de tal situação:

Perguntei a ela como havia aprendido os usos das ervas, ela disse que com a mãe dela, e a mãe com a avó. Segundo ela, aquela época não escrevia nada, então ela tinha que aprender quando a mãe dela falava (...) perguntei se ela passou este conhecimento para a filha dela, ela disse que a filha até chegou a anotar alguma coisa para aprender, mas que não fez uso de nada (GOMES, 2010. Caderno de Campo 26/11/2010).

Ao analisarmos a fala de M. podemos perceber que o elemento fundamental para a cultura ser mantida é a memória, não basta escrever, registrar, é necessário que se faça uso e que se ressignifique tais saberes. Os conteúdos são guardados apenas enquanto tiverem algum sentido na memória, na vida e no cotidiano dos indivíduos e grupo no qual estão inseridos (MENESES, 2009).

E esses saberes não oficiais, parte integrante do patrimônio imaterial, tornam-se elementos de um processo de esquecimento, já que os remédios alopáticos possuem o que os tradicionais não têm, o interesse econômico das grandes empresas que investem na ciência para torná-los publicizados para a grande massa capitalizada.

### **Os males do corpo, as simpatias e as benzeduras**

Ao falar de simpatias e benzeduras, nos remetemos ao universo das religiões,

---

<sup>6</sup>Vale dizer que as possibilidades de consumo também constituem um processo de alijamento destes grupos. Mas por ainda terem potencial consumidor, o processo capitalista os coopta pelos meios de comunicação de massa. No entanto, o caráter rural e tradicional é sempre colocado como atrasado e pouco relevante. O espaço rural hoje valorizado é o espaço das máquinas e das agroindústrias, um espaço racionalizado que nada tem a ver com o rural tradicional.

no qual a forte tradição cristã põe-nos diante de um conjunto de tradições, símbolos, rituais, costumes, que tendem a ser institucionalizados. Em nosso país, o padre e o pastor seriam os representantes oficiais da fé em Deus, e, a Igreja, o lugar por excelência para expressar a fé. No entanto, cabe lembrar que nossa religiosidade é historicamente sincrética (BRAGA, 2005). Misturaram-se indígenas, africanos, judeus, espíritas, protestantes de diversos matizes, o qual resulta em um todo híbrido (CANCLINI, 2003).

No Brasil, todo esse complexo misturou, desde os séculos XVI e XVII, alguns elementos da religiosidade popular. As práticas mágicas e de feitiçaria, confundiam-se com as práticas religiosas da Colônia. Mulheres eram acusadas de serem bruxas por praticarem benzeduras, simpatias e técnicas de cura por motivos diversos, como, por exemplo, para obter sucesso nos amores. Estes rituais poderiam incluir pós, rezas, filtros, ervas, poções, fervedouros, ossos enforcados além do conjuro (exorcismo) de demônios (BRAGA, 2005).

As simpatias, as benzeduras e a utilização dessas ervas pelo povo são consideradas, pela ciência oficial, como medicina popular ou rústica, na qual as substâncias, drogas, gestos ou palavras são celebrados como forma de obter a cura para a saúde das pessoas. Não se trata apenas de um conjunto de plantas usadas para prevenir ou curar doenças, trata-se, além disso, de um lado mágico.

Como discutido anteriormente, o acesso dificultado dos doentes pobres às organizações oficiais de saúde, os leva a recorrer a práticas da medicina popular que estão totalmente imersas na cultura dos portadores desses saberes. Na cultura popular "corpo e espírito não se separam em nenhum momento. Nem tão pouco se desliga o homem do cosmo, nem a vida da religião" (POEL, s/ data. Fonte: <http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm>. - Acessado: 15/10/2011).

Na medicina popular, o tratamento geralmente é acompanhado de um ritual, que é realizado por um raizeiro, curandeiro ou benzedeira, considerados intermediários privilegiados entre os homens e o mundo espiritual.

Os raizeiros são aqueles que procuram e vendem raízes medicinais, algumas muito conhecidas pelas comunidades tradicionais. Já os curandeiros e as benzedeiros são aqueles possuidores de um dom divino, nos quais a comunidade confia e credita os valores espirituais do dom. Mas entre a categoria de curandeiro e benzedeira há uma diferenciação de gênero, há uma divisão nos papéis de cura.

O curandeiro ou benzedor (homem) é geralmente procurado para rezar contra bicho mau, para estancar sangue, retirar cobras de locais, ou rezar e

curar bicheiras de animais. Já a benzedeira ou rezadeira, faz suas orações para espinhela caída, quebranto infantil ou adulto, vermes, erisipela, peito cheio ou caído, dor de cabeça, entre outros. Mas é importante salientar que, nesse universo de cura, as mulheres gozam de certo prestígio, justamente porque "o prestígio mágico-religioso e, conseqüentemente, o predomínio social da mulher têm um modelo cósmico: a figura da terra-mãe." (ELIADE, 1992, p.121). Os papéis de destaque se dão justamente pelo fato de a figura feminina relacionar-se à natureza e ao universo. A figura da mãe terra é carregada de simbologia, pois seria ela a responsável por cuidar e dar aos seus filhos (seres vivos) aquilo que é necessário.

Nos processos de curas, as benzedeadas e os curandeiros utilizam orações e gestos que servem de elementos fundamentais nos processos de cura de males que tanto são físicos como mentais. Para Brosso (1999), as ervas medicinais, em muitos casos, além de serem a própria receita de cura, também são utilizadas durante o processo de benzedura. Elas servem como amuletos que são colocados em contato com o corpo do doente, seja nas partes que necessitam de tratamento ou no processo de "despacho da coisa". Dessa maneira, passam a representar a cura que as ervas provêm quando ingeridas. Além das ervas, podem ser usadas fotos ou imagens de santos, que vão desde Nossa Senhora Aparecida a São Miguel Arcanjo. Estas imagens de santos têm o objetivo de fortalecer a fé e o poder de cura daquele que benze.

Além dos amuletos, ervas ou objetos, as benzeduras sempre são acompanhadas da imitação desses símbolos mágico-religiosos (BROSSO, 1999). Não basta, no processo de cura, fazerem-se imposições de ervas ou imagens de santos, é necessário entoar preces e orações durante as bênçãos, que geralmente são histórias contadas em versos e rimas que remetem ao poder de Deus, Jesus e Maria sobre os males a serem curados.

Essas palavras entoadas vão do conhecido Pai-nosso a orações inéditas: "Sem estas palavras sagradas, que desde o começo foram concebidas ao homem, este se sentiria completamente indefeso" (CASSIRER, 2003, p.55 apud BRAGA, 2005).

Ser benzedeadas ou curandeiros não é uma escolha, é um dom que se recebe e, ao mesmo tempo, é aprendido através da memória com os guardiões desses saberes (MENESES, 2009).

Em entrevista com M., uma senhora apontada por muitos assentados como uma especialista em benzimentos destaca que a mãe era benzedeadas e, com o envelhecimento da mesma, ela teve que aprender o dom para ele não ser perdido:

Entrevistadora: Fala uma coisa pra mim, a senhora aprendeu como?

M.: Minha mãe me ensinou e assim eu aprendi...

Entrevistadora: Sua mãe trabalhava na igreja?

M.: Nós era tudo católico, desde que "nós" nasceu né. Minha mãe não sabia, ninguém sabia ler.

(...)

Entrevistadora: E aí a senhora começou a fazer isso quando?

M.: As orações? Foi quando eu fiquei mais velha, e porque a minha mãe já era velha, velha de idade. Minha mãe me ensinava, mas ela era benzedeira, ela não mexia com outras coisas das outras vidas não, Deus me livre!

Entrevistadora: É, porque tem isso também né... (GOMES, 2010. Entrevista realizada com M. em 16/12/10).

Podemos perceber na fala da entrevistada quase uma obrigatoriedade em continuar o feito da mãe, mesmo não sabendo escrever, o que a fez aprender foi justamente o processo de identificação e ressignificação do saber. Salienta ainda a devoção de sua mãe, em servir apenas a um Deus e não a "outras coisas". Essa devoção é indispensável no papel de cura, já que as benzedeadas e curandeiros se apresentam como instrumento de Deus. É como se eles fossem um canal entre o céu e a terra. Justamente por isso a "profissão" não tem dia e nem hora para ser convocada, é preciso estar disponível as vinte e quatro horas do dia, pois não se sabe quando alguém irá precisar.

### **Retirar o quebranto: Recomendações e ações das benzedeadas**

Nas rezas apresentadas pela entrevistada pudemos registrar seis grandes orações, as quais têm maior utilização no cotidiano do assentamento por serem para doenças comuns entre as pessoas que procuram ajuda.

A primeira benzedura é destinada a crianças com quebranto, benzidas para poderem dormir mais tranquilas, não chorarem ou ainda para reações estranhas. Na língua portuguesa, quebranto é definido como um "estado mórbido atribuído pela credence popular ao mau-olhado", e este mau-olhado pode gerar problemas para crianças como abatimento, enfraquecimento, prostração, fraqueza, morbidez (Dicionário online. Fonte: <http://www.dicio.com.br/quebranto/>, acessado em 1/11/11). Para retirar da criança todos esses sintomas é preciso que todo quebranto colocado nela através do mau-olhado seja retirado através da benzedura. A oração é realizada com um ramo de erva doce que

serve como símbolo de retirada do quebranto:

M.: Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo...

Entrevistadora: E esse daqui serve pra que, esta que a senhora está falando?

M.: Serve pra benzer criança né...

Entrevistadora: Para dor de estômago...

M.: Desde quebrante.

Entrevistadora: Ah tá. (...) Deus e Nosso Senhor...

M.: Quanta dor há no seu santo mundo, tudo isso ele benzeu e curou... daí você coloca o que tem que curar- ventre caído, bucho virado e quebrante- e com ele levou (GOMES, 2010. Entrevista realizada com M. em 16/12/10).

A cada oração a recomendação da benzedeira era a de rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria em oferecimento às cinco chagas de Cristo, a Sagrada morte e Paixão de Cristo. Para retirar o quebranto de adulto, que passa a ser chamado de "olho-gordo", justamente porque envolve o sentimento de inveja, a oração realizada deve ser repetida por três vezes: "Com dois te botaram com três eu te tiro, com os poderes de Deus e da virgem Maria. Rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e oferecer sempre às cinco Chagas de Cristo".

O quebranto é tão presente no ideário popular, que já foi citado por várias vezes em livros de medicina portuguesa, em poemas de Gil Vicente e na literatura brasileira, além de sempre constarem em histórias do nosso folclore de Camilo.

A mesma entrevistada, quando vai ensinar a oração, pede ajuda a Deus exclamando quase uma penalidade por esquecer-se da sequência de palavras: "Oh, meu Deus, será que eu esqueci essa?". Depois ela reafirma o uso da oração para quebrante de gente grande, como forma de resgatar, através da memória a cadeia operatória necessária para aquela ação (GOURHAN, 1975). Nessa repetição, a benzedeira ganha tempo para se lembrar de algo que já estava esquecido pela falta de uso e, para justificar a falta de lembrança, ela salienta que as rezas são muito longas e complicadas (MENESES, 2009; CANCLINI, 1982, VIANNA, 2004):

Entrevistadora: Essa é pra peito aberto e espinha caída? Essa é a que a senhora falou pra bucho virado?

M: Para quebrante!

Entrevistadora: Quebrante...

M: Primeiro é o Nosso Senhor Jesus Cristo também. Oh, meu Deus, será que eu esqueci essa?

Entrevistadora: A senhora está benzendo pouco né.

M: Agora pra gente grande tem que rezar a Virgem Maria e tem que rezar o Pai Nosso também.

Entrevistadora: Então esse é pra quebrante?

M: Só que pra gente grande né.

Entrevistadora: Essa é boa pra quebrante também?

M: Não, é bom só pra gente grande, pra benzer coisa que gente grande sente.

Entrevistadora: Mau olhado, essas coisas?

M: É.

Entrevistadora: Então, Deus é nosso Senhor...

M: Deus é nosso Senhor Jesus Cristo, com dois te colocaram e com três eu te tiro, com os poderes de Deus e da Virgem Maria, amém. Agora faz um Pai Nosso pra oferecer pra Jesus Cristo.

M: É muito comprido essas coisas, é complicado viu.

Entrevistadora: Aí o Pai Nosso... (GOMES, 2010. Entrevista realizada com M. em 16/12/10).

### **Espinhela caída, peito aberto: o melodioso inventário das curas**

Para curar outro problema comum no assentamento, conhecido como espinhela caída, peito aberto ou lumbago, que é a designação popular de uma doença causada por fortes dores nas costas, nas pernas, na boca do estômago, cansaço anormal ao submeter-se a esforço físico, a oração realizada durante a benzedura é feita acompanhada do tratamento com chás de ervas medicinais.

A imagem representa o resultado da estrutura óssea das pessoas que estão com a espinhela caída, é como se o doente fosse impelido a andar inclinado para um lado por estar com a estrutura de seu corpo deslocada. A benzedura vai ajudar na reorganização óssea e no cansaço físico causado pela exaustão do trabalho físico. Na verdade, a oração serve como um acalento mental, garantindo ao solicitante da reza uma anestesia mental ao trabalho árduo e pesado do dia a dia de quem trabalha na terra. A oração é feita da seguinte forma:

M.: É porque isso aí é pra quando a gente tá com dor no peito, espinhela caída.

Entrevistadora: Então esse aqui é pra quando vai abrir o peito, né...  
M: É para quando tem diabete, espinhela caída, tem a espinhela da gente e tem os peitos abertos.  
Entrevistadora: Geralmente é a pessoa que trabalha muito... benzeu e curou...  
M: Espinhela caída levantou, o peito aberto se fechou, com o poder de Deus e da Virgem Maria. Agora você marca que é pra rezar um Pai Nosso. Todo fim tem um Pai Nosso e uma Ave Maria, na intenção das cinco chagas. Vai longe minha filha... Intenção das 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo e a sagrada morte e paixão, porque assim como ele ficou livre...  
Entrevistadora: Agora repete para que possa escrever.  
Entrevistadora: Isto lembra o que Jesus passou né...  
M: Na intenção das cinco chagas... Mas agora tem que rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria e oferecer...  
Entrevistadora: Outro Pai Nosso..  
M: Já tem um Pai Nosso aí!  
Entrevistadora: Já tem um Pai Nosso.  
M: É depois da intenção das 5 chagas de Jesus.  
Entrevistadora: É tudo a mesma?  
M: É uma só...  
Entrevistadora: É todas servem pra peito aberto...  
M: E espinhela caída... (GOMES, 2010. Entrevista realizada com M. em 16/12/10).

Esta oração "Deus é nosso senhor Jesus Cristo, quanta dor há no seu santo mundo. Tudo isto ele benzeu e curou. A espinhela caída ele levantou e o peito aberto ele fechou! Com os poderes de Deus e da Virgem Maria", ditada pela entrevistada lembra até um cordel, as rimas faladas são sonoras e nos remetem aos textos literários cantados pelos repentistas. A diferença é que a oração não deve ser escrita, mas sim memorizada na mente daqueles responsáveis pela cura.

Muitas benzimentos podem variar de região para região, mesmo sendo muito parecidos, por vezes têm finalidades diferentes. Um bom exemplo é a oração que a guardiã desses saberes nos apresentou para cura de erisipela<sup>7</sup>, doença

---

<sup>7</sup>Erisipela é um processo infeccioso cutâneo, podendo atingir a gordura do tecido celular



cutânea que pode atingir o tecido gorduroso da pele, muitíssimo comum em pessoas com diabetes, obesas ou com má circulação. Nessa oração é professado o seguinte diálogo:

Deus nosso Senhor Jesus Cristo foi a Roma, com Pedro e Paulo encontrou.

Disse: O que há Pedro e Paulo?

Eles responderam: Muita doença Senhor!

Deus: Por que não cura Pedro e Paulo?

Eles: Por que estão todos surdos e mudos. E sem saber com que se cura Senhor!

Deus: Volta para trás Pedro e Paulo e vai curar!

Eles: Com que se cura Senhor?

Deus: Com água de nascente, azeite de candeia e cinza de fogão.

Esipra, Erisipela curarão e nunca mais darão! Com os poderes de Deus e virgem Maria (GOMES, 2010. Trabalho de campo 16/12/11).

Recomenda-se que junto a essa oração se aplique e massageie com óleo os membros que estão doentes. Em um trabalho desenvolvido por Francisco Poel<sup>8</sup> (s/data) na região do Vale do Jequitinhonha um benzimento muito parecido com esse, mas com adaptações locais, é utilizado para a cura de cobreiro:

Quando Jesus andava pelo mundo, encontrou São Pedro sentado numa pedra fria. E pergunta a ele: Que tem Pedro?

Pedro responde: Cobreiro bravo!

Jesus: Curai Pedro!

Pedro: Com o que, Senhor?

Jesus: Com água da fonte, raminho do monte e as três pessoas da Santíssima Trindade Pai, Filho e Espírito Santo. Amém (POEL, s/data).

---

subcutâneo causado por uma bactéria que se propaga pelos vasos linfáticos. Pode ocorrer em pessoas de qualquer idade, mas é mais comuns em diabéticos, obesos e nos portadores de deficiência da circulação venosa dos membros inferiores. Não é contagiosa e os nomes populares usados são esipra, mal-da-praia, mal-do-monte, maldita ou febre-de-santo-antônio (Fonte: <http://www.erisipela.com.br/>. Acessado em 2/11/11).

<sup>8</sup>Disponível em: <http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm>. Acessado: 15/10/2011.

Junto com esta oração há a recomendação da utilização de sumo do tronco de banana-de-São Tomé. Poel (s/data) esclarece que algumas dessas fórmulas são tão antigas, que suas origens podem ser encontradas na mitologia germânica céltica do início da história da Europa cristã. Há um exemplo de reza de erisipela em um código austríaco do século IX, mas a adaptação acontece conforme a necessidade de cada benzedeira.

Tanto a primeira oração quanto a segunda demonstram bem o papel dinâmico da cultura, a resignificação de acordo com o contexto, mostra como o patrimônio se mantém. A memória e a fala são fundamentais nesse processo, primeiro porque registra o conhecimento, e segundo porque permite que ele seja repassado aos grupos subsequentes (GOURHAN, 1975).

Esses saberes possuem ainda uma lógica prática, relacionada às doenças. No caso da primeira oração, o óleo tem um papel fundamental na cura da erisipela, já que ao massagear o local atingido estimula-se a circulação do sangue e, portanto, há alívio e ajuda no processo de cura. No segundo caso, o sumo do troco da bananeira tem comprovado o poder cicatrizante<sup>9</sup> de feridas na pele, o que representa um uso prático desses saberes populares.

Ainda registramos duas orações de benzimentos para curar dor de cabeça e mau-jeito. Na primeira, recomenda-se colocar um ramo na cabeça e enfaixá-la com ele. A entrevistada apresenta a seguinte oração:

M: Você quer aprender a da dor de cabeça?

Entrevistadora: Quero! Qual foi aquela que a senhora me benzeu, foi uma oração comprida?

Maria Reza: Foi essa!

Entrevistadora: Então, dor de cabeça.

M: Para dor de cabeça é assim: Deus é o sol, Deus é a luz, Deus é a claridade e Deus é firme na verdade. Assim como Deus é o sol, Deus é a luz e Deus é a claridade e sereno ele ergue a cabeça da pessoa que tiver doente da cabeça.

Entrevistadora: Repete a oração pra escrever. Põe o nome da pessoa?

---

<sup>9</sup>"Úlceras: Aplica-se, com algodão, a seiva da bananeira localmente. Observar cuidados de assepsia". A este respeito acessar: <http://www.ednatureza.com.br/banana.htm> e [http://www.terracha.com.br/medicina\\_alternativa/cicatrizantes-naturais/](http://www.terracha.com.br/medicina_alternativa/cicatrizantes-naturais/). Sites acessados no dia 02/11/11.

M: Põe o nome da pessoa que está com dor.

Entrevistadora: O nome da pessoa é para dizer tira dor da cabeça do fulano de tal. Tem mais coisa?

M: O oferecimento é a mesma coisa.

Entrevistadora: Pai Nosso e Ave Maria, na intenção de Jesus Cristo, pra ele ajudar a ficar bom (GOMES, 2010. Trabalho de campo 16/12/11).

Poel (s/d) apresenta um registro de uso de instrumentos no benzimento de mau- jeito na cidade de Cruz, em Minas Gerais, que são os mesmos apontados pela benzedeira do nosso trabalho de campo. Durante as palavras proferidas nesse processo de cura da carne-quebrada, que conhecemos como luxação; em todas as partes do Brasil usa-se uma agulha e um novelo de linha. Benze-se cosendo o novelo com a agulha.

A oração deve ser repetida por três vezes. No restrito trabalho de campo realizado por esta pesquisa, a reza aparece da seguinte forma: "Eu que te coso, carne triturada, nervo rendido e osso desconjuntado. Pior isso que coso por mando de São Virtuoso". Na recolhida por Poel (s/data), a reza é bastante parecida, mas pergunta-se ao doente: "O que é que eu benzo?" E a própria benzedeira responde: "Carne quebrada, nervo rendido e osso partido". Ambas apresentam a dimensão do corpo fragmentado de alguma forma, a agulha e o novelo representam a junção e a costura das partes que estão luxadas.

### **O patrimônio imaterial tem dois sexos: a presença masculina**

Nesse processo de cura do corpo, os homens, apesar de gozarem de um prestígio menor do que o das mulheres benzedeiras, têm uma presença bastante forte. No trabalho de campo, para levantamento dos nomes dos guardiões do patrimônio imaterial, um curandeiro foi indicado por muitos assentados. Nas entrevistas, o rezadeiro não demonstrou ter uma fórmula única para curar determinada doença. Para ele, as palavras saem de sua boca como um dom divino que flui sem ele menos esperar. Em suas palavras ele ressalta:

G: A gente sabe de algumas coisas não é muita coisa, né.

Entrevistadora: Mas o senhor não aprendeu isso com ninguém?

G: Não, por isso que eu digo que Deus que mostra pra gente. Olha eu já vi mulher costurar, comer sem dedo nenhum porque ela não tinha braço nenhum. Costurava, jogava bola sem dedo, com o pé, bordava

fazia tudo com o pé, não é?

Entrevistadora: E quando é que o senhor descobriu esse dom?

G: Ah! Eu era rapazinho, eu via muita coisa, eu bebia muito, daí eu fui num centro espírita, e fiquei lá trabalhando, trabalhei vinte e cinco anos no centro espírita. Daí um rapaz falou assim pra, olha vem umas coisas aí pro seu lado e você vai saber. Aí eu perguntei, sabe o que? Ele falou você vai ser conselheiro do povo. Eu falei: eu? Ah! Com essa cachaça minha é que eu vou ser? Ele falou assim pra mim, mas é por isso mesmo, aí falou assim pra mim, olha você vai embora pra muito longe, você vai largar sua mulher ou ela vai lhe largar, ainda sei de mais uma, você vai pra um lugar deserto, e lá, você não vai beber, quando você ver a cachaça você vai sentir até raiva. E foi, acabou cachaça, acabou tudo. Eu melhorei nunca mais. Vai acontecer alguma coisa comigo amanhã, eu sonho tudo direitinho antes. No dia que eles botaram fogo aqui, eu sonhei com árvore e cobra, pra todo lado tinha cobra. Cobra você sabe é traição, né. O problema é quase a metade do povo não crê, e é até bom que não creiam. A maioria me diz: Ah você é um besta! Outros falam pra você é doido! A mulher estava ruim, ruim, não comia nada, nada, aí me chamaram e fui. Cheguei lá botei a mão na cabeça dela e disse: e a senhora não quer comer um bocadinho? E ela começou a comer. (GOMES, 2010. Entrevista com G.).

Aqui a imposição das mãos se torna uma espécie de amuleto, para retirar a dor e a doença, tal fato pode ser percebido como ritual de cura em diferentes religiões. Em outro trecho da entrevista ele diz como se curou de um problema na próstata:

Eu sempre confiei em mim. Eu estava com uma dor aqui, ó, no espinhaço, falei umas palavras lá e botei a mão em cima, a dor ó fez assim... (saiu pelos ares..) e aí depois de 2 segundos, não tinha mais dor nenhuma nenhuma! Eu ia obrar, eu vou contar pra vocês, dava cada cólica que corria lá, corria cá e, ginete, ginete, ginete eu disse: eu vou morrer, não tem jeito, é próstata, eu tenho o negócio de próstata, pensei vou morrer. Daí eu peguei e disse: Meu DEUS tem dó de mim. Pus a mão naquele lugar, fui botando a mão, botei a mão de novo, tirei a mão e a dor fez assim... (desenhou no ar que foi embora...) você sabe que DEUS não é besta, não. Mas, não

leva a conhecimento não, que é bobagem minha (GOMES, 2010. Trabalho de campo 3/12/10).

Em alguns momentos o entrevistado diz ser um adivinho das coisas que acontecem: aplica a identificação de símbolos aos sonhos que têm, por exemplo, a imagem da cobra como traição, como o fogo que colocaram em seu sítio. Revelado pela pessoa que o informou de que seria conselheiro do povo, ele avalia que a autoconfiança o levou à sua própria cura e de uma mulher. No depoimento de uma assentada, ela lembra quantas pessoas foram benzidas:

Entrevistadora: Benzedura, a senhora se lembra se tinha?

S.: Tinha aqueles benzedor, a gente levava as crianças pra benzer com arruda, com galho daquele fedegoso...

Entrevistadora: Pra que servia esse aí, o fedegoso?

S: Pra tirar mau olhado, quebrante, tudo essas coisas. Quando via, tinha fila na porta da casa do feiticeiro lá. Eu acho que como tem fé nas coisas de Deus, dava certo! (GOMES, 2010. Entrevista com A. e M.).

Mas não há apenas curandeiros bons, existem nesse meio, os feiticeiros que conhecem poções e feitiços capazes de matar uma pessoa. Em outra entrevista, com um casal pioneiro no assentamento, que chegou trabalhar no casarão da fazenda Bela Vista, podemos identificar esse aspecto perigoso de um curandeiro que usa seu dom para o mal, algumas pessoas chegavam até a relacioná-lo com a morte de outras pessoas. Nas palavras do casal entrevistado:

S.: Fazia aquelas coisas, então ia fazer simpatia lá de baixo daqueles "pulador", aí você ia lá e via aquelas coisas tudo embaixo. Eles matavam mesmo. Eles faziam o negócio deles... eu me lembro porque uma vez eu fui com meu vô e eu não sei como é que foi, mas o feiticeiro falou pro meu vô que ia matar ele. Falou que ia matar porque meu vô fazia a roça dele grande e ele era preguiçoso, invejoso e não fazia e não queria que ninguém fazia. Ele ia em Araraquara, e fazia a feitiçaria.

S.: Com meu vô, aconteceu que ele caiu de cima do paredão. Ele ia passando, deu aquele vento e jogou ele lá embaixo. Aí quebrou perna, quebrou tudo e morreu... Mas ele fazia mesmo, pra muita gente. Era só ele bater os olhos numa criança...(GOMES, 2010. Entrevista com A.).

A assentada relata o temor ao feiticeiro, a fala dela identifica o poder dos saberes sobrenaturais: além de matar, é capaz de, somente ao olhar para uma criança, colocar nela um quebrante.

Mas, há também, as possibilidades de cura que não estão apenas associadas às benzedeiras, aos curandeiros e às ervas. São muito mais acessíveis e não necessitam de ter um dom para realizá-las. É preciso apenas ter fé. Esse tipo de ação e gesto utilizado para a cura é tradicionalmente conhecido como simpatia.

Elas são representadas por fórmulas, gestos, símbolos que são remédios, mas a própria palavra sugere algo que não se explica, do grego é "sentir junto o mesmo". Na medicina popular, elas servem para curar verrugas, hemorroidas, asma epilepsia, soluço, e algumas vezes, podem aparecer em conjunto com rezas e ervas. Elas revelam um aspecto diferenciado da terapia puramente racional e intelectual. Levam em consideração a experiência de quem conhece a doença a partir do sofrimento dos outros ou por si próprio.

Apesar de não se explicar a simpatia, ela pressupõe uma relação íntima entre animais, homens, plantas e planetas. As leis consideradas nesta relação estão muito distantes da causa-fim (POEL, s/d). O que é considerado aqui é a analogia para encontrar remédios para as doenças, prática esta que há muito praticada.

Levando em consideração tais pontos de reflexão e a grande utilização desta prática no Bela Vista, pudemos levantar algumas simpatias, no trabalho de campo, com as crianças da escola. Entre as simpatias estão aqueles para ver melhor, para parar de fumar, para ficar com o cabelo bonito, dentre outras. A primeira sugere o uso de uma erva como solução para ver: "Deve-se pegar folhas de arruda, colocar no sereno. No dia seguinte, colocá-las nos olhos. Finalidade é de lavar os olhos e ver melhor" (GOMES, 2010. Trabalho de campo).

A segunda simpatia registrada é para acabar com furúnculo, nesta é preciso pegar as folhas de saião<sup>10</sup> colocá-las em cima do furúnculo, depois de alguns minutos, com as folhas sobre a ferida, colocá-las para secar. Quando as folhas secarem, o furúnculo secará junto com elas. Se voltarmos à definição de simpatia, perceberemos que o sofrer junto é a chave para o entendimento desse tratamento, ou seja, ao colocar as folhas em contato com o furúnculo, o sentido simbólico

---

<sup>10</sup>O saião é popularmente conhecido como folha da fortuna, coirama e folha-da-costa, e é usado popularmente para tratamento de úlceras e como cicatrizante. É encontrado em vários lugares do Brasil e nas Américas e também comprado como planta ornamental. Fonte: <http://www2.tvcultura.com.br/reportereco/materia.asp?materiaid=518>. Acessado: 04/11/11.

desse ato é a transferência. As folhas passaram a representar a ferida, e ao serem postas para secar, secaram o próprio furúnculo. Além disso, se verificarmos as propriedades dessa folha perceberemos que a mesma é usada medicinalmente para curar feridas de pele, o que indica uma certa lógica no uso delas.

Em outro exemplo de simpatia, podemos ficar com o cabelo bonito. Prática muito utilizada, inclusive pelas empresas de cosméticos, a receita pode ser feita de duas formas. Na primeira, deve-se pegar a babosa, retirar a baba e colocar farinha de mandioca junto a ela, fazer pequenas bolas e colocá-las no sereno. No dia seguinte, deve-se engolir três bolinhas, e o cabelo ficará bonito. Na segunda, seria mais um uso, do que propriamente uma simpatia, nesta deve-se retirar ao gel da babosa, passá-lo no cabelo, ficar durante alguns minutos e, depois, lavá-lo.

Registramos ainda uma simpatia apontada, por mais de um entrevistado, relacionada à queda de verrugas. Nesta, procura-se um pasto ou beira de rio, um osso de animal, que deve ser esfregado em cima da verruga. Após, coloca-se o osso com o lado que teve contato com a pele virado para sol. Após três dias a verruga cairá. A idéia inspirada aqui, relaciona-se ao desgaste natural que o sol, a chuva e o vento irão promover no osso. Como a lógica da simpatia é, através de um contato, de um gesto ou palavras transferir o problema para o objeto, planta ou algo, neste caso o osso adquire a materialização da área onde há verruga, e, quando desgastado, o resultado é o fim dela no local do corpo da pessoa que fez a simpatia.

Todas essas simpatias e benzeduras são saberes aprendidos no cotidiano com as doenças e os problemas vividos. Se não curam, pelo menos atingem um aspecto bastante valioso no processo de recuperação dos doentes, a mente. Já que em grande parte do tratamento ela é fundamental. Isso tudo não é apenas parte do patrimônio imaterial de uma determinada comunidade. É parte de uma cultura vivente, que a todos os momentos se recicla, se recria e se renova, por estar sendo usada e praticada pela memória história dos grupos participantes.

É preciso lembrar também que toda medicina funciona em um campo simbólico, e portanto, essas práticas e, muitas vezes, seus resultados, funcionam quando os atores sociais envolvidos se integram a esse campo simbólico e nele reconstróem sua identidade.

## **Considerações Finais**

Ao concluir o presente trabalho, pretende-se resgatar as principais reflexões propostas ao longo do texto, para que se compreenda o tema desta pesquisa

como um todo. Destacamos que o universo da patrimonialidade imaterial é um aspecto da cultura que merece sempre novas pesquisas, justamente pelo fato da memória ser infinitamente criativa e capaz de criar e recriar saberes, fazeres e técnicas do cotidiano.

Trabalhamos sob uma perspectiva metodológica da Sociologia Rural, fundamentada no trabalho etnográfico da prática cotidiana ligada à experiência do mundo vivenciado, podendo assim identificar os modos de vida a partir da trajetória dos assentados.

Este trabalho, por sua vez, preocupou-se, sobretudo com aspectos cotidianos da memória, que se estabelecem nos saberes não oficiais, considerados como patrimônio imaterial ou intangível.

Para se produzir de fato a cultura, é preciso que todas essas informações sejam vividas no processo diário e que as gerações possam recriar, a partir de sua forma, o sentido para esses atos e informações.

O trabalho de registro e apresentação dos lugares de ocorrência do patrimônio imaterial. Tem uma história objetivada e uma outra, plena de subjetividades. A trajetória deste trabalho foi resultado de anos de acompanhamento e envolvimento afetivo com as histórias e as pessoas dos assentamentos investigados. Foi parte de um interesse pessoal de valorizar o pouco valorizado desta gente que luta a todo momento. Luta para conquistar o lote, para receber crédito, para plantar, para colher, para estudar, para viver...

É uma tentativa de retribuir e indicar riquezas existentes nos assentamentos de Reforma Agrária, de despertar o interesse de conhecer e querer ver a continuidade desta história. Os órgãos de valorização e fomento do patrimônio imaterial, para reconhecerem os saberes, as técnicas e as artes de fazer, exigem processos de registro e estudo prévios para dar a titulação a um grupo ou local.

Este trabalho representa uma pequena contribuição, na luta pela valorização e reconhecimento da cultura local e do assentamento. Além do registro, pode ser lido como um sinal de alento para uma ação efetiva de políticas públicas de conservação desse modo de vida tão especial. Sem as raízes do patrimônio material muito da riqueza deste modo de vida se perderia deixando para trás histórias e memórias vivas.

## **Referências**

**BARBERO, J.M. Dos Meios às Mediações Comunicação, Cultura e Hegemonia.** Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro:

Editora da UFRJ, 4ª ed., 2006.

BRAGA, G.G. A fotografia no imaginário das benzedeadas de Campo Largo. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.1, p.253-280, 2005.

BROSSO, R.; VALENTE, N. **Elementos de Semiótica**: comunicação verbal e alfabeto visual. São Paulo: Panorama, 1999.

BRUMER, A. Gênero e geração em assentamentos de reforma agrária. In: FERRANTE, V.L.S.B.; ALY JR., O. (Orgs.) **Assentamentos Rurais**: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos). São Paulo: INCRA, 2005, p.351-371.

CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CANCLINI, N.G. **As Culturas Populares no Capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

DURKHEIM, H. **Os pensadores XXXIII**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRANTE, V.L.S.B. **Os Assentamentos Rurais Sob a Perspectiva de Gênero**: divisão sexual do trabalho e políticas públicas em análise. Projeto CNPq, 2010.

FREITAS, M.C. Fazer história da educação com Gilberto Freyre: achegas para pensar o aluno com os repertórios da Antropologia. In: FARIA FILHO, L.M. (Org.) **Pensadores Sociais e História da Educação**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005, p.167-185.

GASPAR, L. **Medicina Popular**. Pesquisa Escolar On-Line. 2009. Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em 06/08/2009.

GOMES, T.P. de S. Um estudo das relações sociais e políticas do assentamento Bela Vista de Araraquara através da festa junina. Simpósio

Impasses e Dilemas da Política de Assentamentos, Araraquara, de 28 a 30 de setembro. In: **Anais...**, Araraquara, 2005.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade x Conflito: projetos de assentamentos na região de Araraquara. 25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, junho de 2006, Goiânia-GO. In: **Anais...**, 2006.

\_\_\_\_\_. De saberes a gestos: uma etnografia de transmissão dos conhecimentos não oficiais no assentamento Bela Vista de Araraquara - SP. IV Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 2009, Feagri/Unicamp, Campinas. In: **Anais...**, Campinas, 2009.

\_\_\_\_\_. Saberes, Memórias e Tradição: Estudo em Assentamentos de Reforma Agrária de Araraquara-SP. XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011, Recife. In: **Anais...**, Recife, 2011.

GUIMARÃES, M.R.C. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v.12, n.2, p.501-514, maio/ago, 2005.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. **O que é Imaginário**. Coleção Primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1996.

VAN DER POEL, F. **Na Cultura Popular**. S/d. Disponível em: <<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm>>. Acesso em: 15/10/2011.

SANTOS, C.R.A. dos. Por uma história da alimentação. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v.14, ns.26/27, p.154-171, jan/dez, 1997.

VIANNA, L.C.R. **Legislação e preservação do patrimônio imaterial**: perspectivas, experiências e desafios para a salvaguarda das culturas populares. Textos escolhidos de cultura e arte popular, vol.1, nº1, 2004.

WHITAKER, D.C.A. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau/SP: Letras à Margem, 2002.

## **Consulta eletrônica**

UNESCO: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 25/09/2010.

IPHAN: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 10/09/2011.

UNESCO:

<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangibleheritage>>. Acesso em: 20/12/2010.

DICIONÁRIO ONLINE: <<http://www.dicio.com.br/quebranto>>. Acesso em: 01/11/2011.